

## **Da utopia à realidade: uma análise dos fluxos migratórios para o Aglomerado Urbano de Brasília\***

**Ana Maria Nogales Vasconcelos<sup>♦</sup>**

**Igneza Costa Barbosa Ferreira<sup>♦♦</sup>**

**Sonia Baena Maciel<sup>^</sup>**

**Marília Miranda Forte Gomes<sup>^^</sup>**

**Igor de França Catalão<sup>^^</sup>**

**Palavras-chave:** Migração, planejamento urbano, Brasília, espraiamento

**Resumo:** O Plano Piloto de Brasília concebido por Lúcio Costa “nasceu do gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse”, sendo a cidade idealizada e “planejada para o trabalho ordenado e eficiente, mas ao mesmo tempo cidade viva e aprazível, própria ao devaneio e à especulação intelectual, capaz de tornar-se, com o tempo, além de centro de governo e administração, num foco de cultura dos mais lúcidos e sensíveis do País” (Lúcio Costa, Relatório do Plano Piloto de Brasília). O plano urbanístico e a concepção de cidade proposta por Lúcio Costa garantiriam a qualidade de vida dos habitantes da cidade moderna, onde se exaltam a eficiência do trabalho e o prazer de viver. Mas quem iria habitar essa cidade? Desde a sua implantação, ficou claro que nem todos que para Brasília acorriam poderiam fixar residência no Plano Piloto. Inicialmente previstas para abrigar a população excedente, quando o Plano Piloto atingisse o total de 500 a 700 mil habitantes, as cidades satélites foram criadas mesmo antes da inauguração da Capital. Passados quarenta e seis anos da inauguração da Capital Federal e tendo o plano urbanístico de Lúcio Costa sido considerado patrimônio da humanidade, é preciso entender como vive e se reproduz a população do Aglomerado urbano de Brasília, para vislumbrar e compreender os seus desafios futuros. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo analisar a dinâmica migratória para as localidades urbanas do Aglomerado urbano de Brasília, composto pelas Regiões Administrativas do Distrito Federal e por nove municípios do estado de Goiás. O estudo foi realizado com base nos dados dos Censos Demográficos e identificou diferentes perfis de migrantes segundo o local de destino, evidenciando o processo de segregação espacial. Com a consolidação da capital, a importância da migração no seu crescimento demográfico diminui, sem, contudo, deixar de ser relevante numa perspectiva futura.

---

\* Trabalho apresentado no XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambu- MG – Brasil, de 18 a 22 de setembro de 2006.

♦ Professora da Universidade de Brasília e coordenadora do projeto Casa de População e Desenvolvimento da Região Centro-Oeste – NEUR/CEAM/UnB. [nogales@unb.br](mailto:nogales@unb.br)

♦♦ Pesquisadora associada do Núcleo de Estudos Urbanos e Regionais/CEAM /UnB. [igcosta@unb.br](mailto:igcosta@unb.br)

^ Técnica do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

^^ Estagiários do projeto Casa de População e Desenvolvimento da Região Centro-Oeste.

## **Da utopia à realidade: uma análise dos fluxos migratórios para o Aglomerado Urbano de Brasília\***

**Ana Maria Nogales Vasconcelos<sup>♦</sup>**

**Igneza Costa Barbosa Ferreira<sup>♦♦</sup>**

**Sonia Baena Maciel<sup>^</sup>**

**Marília Miranda Forte Gomes<sup>^^</sup>**

**Igor de França Catalão<sup>^^</sup>**

### **O papel de Brasília no quadro migratório nacional na década 1950/60**

Brasília surgiu num cenário de intensificação da urbanização do Brasil. De 1950 para 1960 a população urbana do Brasil teve um crescimento da ordem de 60% alimentado principalmente pelas migrações internas, onde pesava o deslocamento de população do campo para as cidades, o chamado êxodo rural. Pode-se considerar que o incremento da urbanização brasileira ocorreu a partir do final da segunda grande guerra, seguindo uma tendência mundial de expansão territorial do modelo de desenvolvimento urbano-industrial, cuja lógica prevalecia nos processos sociais e econômicos da época. A urbanização ligada à industrialização era a expressão da modernidade e passou a ser sinônimo de desenvolvimento.

As cidades mais importantes do país estavam se tornando metrópoles: concentravam as sedes das empresas, as infra-estruturas, o mercado consumidor, a produção industrial, o mercado de trabalho e a massa trabalhadora. Caracterizavam-se pelo elevado crescimento populacional, apresentando rápida e desordenada expansão territorial, acompanhada da carência de infra-estruturas urbanas no conjunto do seu território.

Enquanto as cidades se construíam e se reformavam para acompanhar a modernidade, o campo se apresentava estagnado com estoques de mão de obra excedente e pronta para migrar em busca de trabalho e do que se consideravam condições de uma vida moderna. Em 1950, a população brasileira vivia predominantemente no campo (63,8%), mas o baixo ritmo de crescimento dessa população (1,6% a.a) mostrava já o peso do êxodo rural. Em contrapartida, as cidades precisavam de mão de obra barata e abundante para o trabalho na construção, na montagem do parque industrial e na formação de um mercado consumidor. Assim, entre 1950 e 1960, o saldo líquido migratório rural-urbano foi estimado em cerca de 10 milhões de pessoas (Camarano e Abramovay, 1998) e a taxa de urbanização do país passou de 36% para 45%.

Nesse contexto, a Nova Capital aparece como oportunidade interveniente capaz de atrair fluxos migratórios que se destinariam para as grandes metrópoles da época: Rio de Janeiro e São Paulo. Os migrantes que vieram trabalhar na construção da cidade se

---

\* Trabalho apresentado no XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambú- MG – Brasil, de 18 a 22 de setembro de 2006.

♦ Professora da Universidade de Brasília e coordenadora do projeto Casa de População e Desenvolvimento da Região Centro-Oeste – NEUR/CEAM/UnB. [nogales@unb.br](mailto:nogales@unb.br)

♦♦ Pesquisadora associada do Núcleo de Estudos Urbanos e Regionais/CEAM /UnB. [igcosta@unb.br](mailto:igcosta@unb.br)

^ Técnica do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

^^ Estagiários do projeto Casa de População e Desenvolvimento da Região Centro-Oeste.

localizavam nos acampamentos das construtoras e os que prestavam serviços a essa população formavam vilas, próximas aos mesmos. Nesse início, formou-se espontaneamente uma grande vila denominada “cidade livre” – por estar fora do plano urbanístico idealizado –, onde se improvisavam os serviços de apoio à construção da capital e à população candanga.

A cidade, que saía da prancheta de Lúcio Costa para o cerrado do Planalto Central, seria um centro de serviços, em torno da administração pública, um pólo de desenvolvimento inovadoramente terciário, em que a indústria era prescindível. A população residiria nas superquadras, dotadas de toda a infra-estrutura urbana e dos serviços de vizinhança, e que se deslocaria para o trabalho no centro da cidade. O plano urbanístico e a concepção de cidade proposta por Lúcio Costa garantiriam a qualidade de vida dos habitantes da cidade moderna, onde se exaltam a eficiência do trabalho e o prazer de viver (Vasconcelos, 2005). A cidade planejada pressupunha a equidade no acesso a essa qualidade de vida e, sem esquecer as desigualdades sociais, admitia que as mesmas teriam lugar dentro do plano, desde que mantidas as diferenças de poder aquisitivo nas construções. Mas quem iria habitar essa cidade?

Passados quarenta e seis anos da sua inauguração e tendo o plano urbanístico de Lúcio Costa sido considerado patrimônio da humanidade, é preciso entender como se deu a formação do Aglomerado Urbano de Brasília e como vive e se reproduz a sua população para vislumbrar e compreender os seus desafios futuros.

### **A proposta inovadora de Brasília e a tradição de periferação/favelização do migrante na cidade**

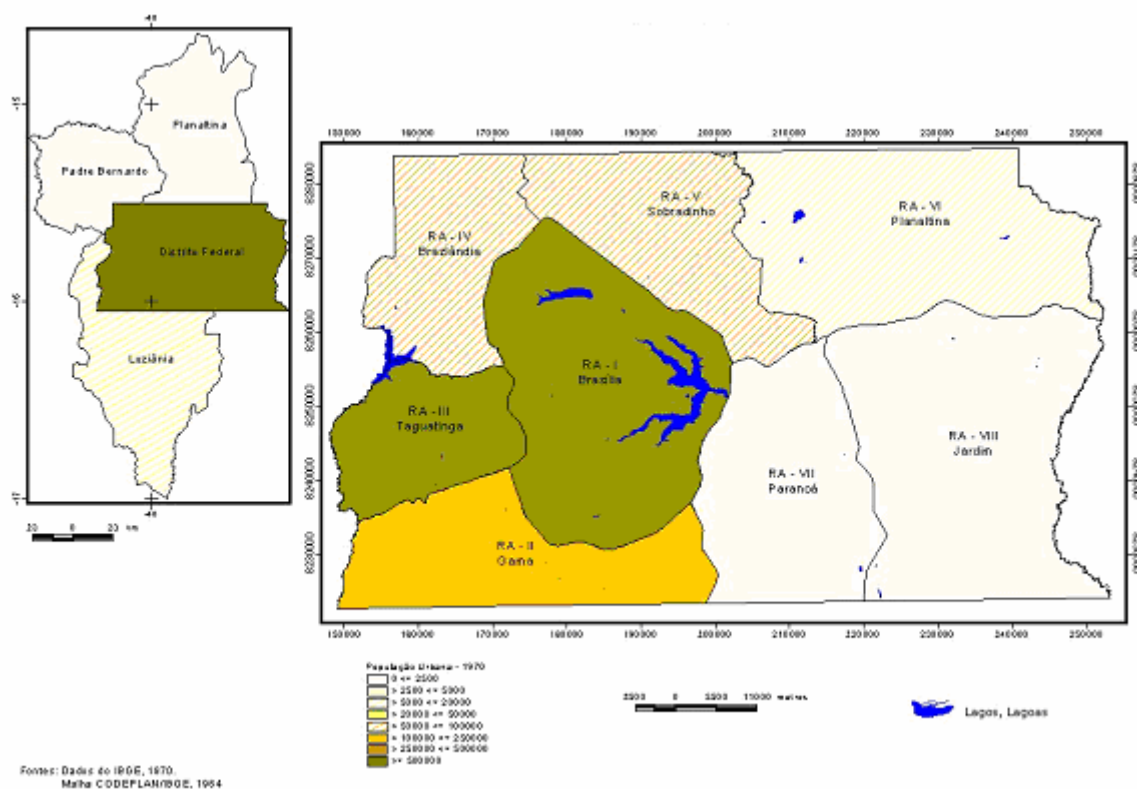
Não obstante aparecer inicialmente como canteiro de obras, Brasília tinha intrínseca a tendência de se tornar uma grande cidade como as outras. Houve, no entanto, a intenção explícita de não reproduzir na cidade criada os problemas das grandes cidades brasileiras.

As vilas, então localizadas dentro do plano urbanístico, que eram constituídas de habitações precárias e de caráter provisório, destinadas a abrigar os trabalhadores da construção da cidade e também as atividades relativas ao atendimento dessa população em bens e serviços, deveriam ser substituídas por construções formais já anteriormente previstas. Desde a sua implantação, ficou claro que nem todos que para Brasília acorriam poderiam fixar residência no Plano Piloto. Inicialmente previstas para abrigar a população excedente, quando o Plano Piloto atingisse o total de 500 a 700 mil habitantes, as cidades satélites foram criadas mesmo antes da inauguração da Capital. Esses núcleos urbanos, distantes do Plano Piloto, foram criados pelo Estado – dono da terra – valendo-se do argumento técnico de preservação ambiental e de não poluição da bacia do Lago Paranoá. Para esses locais sem infra-estrutura, sem trabalho nem funções econômicas definidas, foram transferidos os trabalhadores migrantes pobres.

A solução do problema de moradia dos pobres se fez com a exclusão dos trabalhadores do perímetro valorizado e planejado, forçando a segregação espacial. O combate à favelização fez transferir para esses espaços criados fora do Plano urbanístico (Plano Piloto), ao longo do tempo, a ocupação informal e as habitações precárias que iam surgindo. Esse processo de seletividade, que opôs centro e periferia – o primeiro com suas funções de centro do poder e decisório e residência dos funcionários públicos e das classes mais abastadas, enquanto a segunda, apenas, cidades dormitório dos trabalhadores de baixa renda –, caracteriza a formação do que denominamos Aglomerado Urbano de Brasília. Esse aglomerado é composto pelas regiões administrativas do Distrito Federal e os municípios

goianos contíguos de maior ligação (Luziânia, Padre Bernardo, Planaltina e seus respectivos desdobramentos).

**Figura 1. Mapa das Regiões Administrativas do Distrito Federal e dos Municípios Goianos do Entorno. 1970**



Como pólo atrativo de correntes migratórias, o Distrito Federal teve um crescimento explosivo nas décadas de 1960/70 e de 1970/80 (respectivamente 14,4% e 8,2% a.a.), muito além do ritmo de crescimento do Brasil (2,9% e 2,5% a.a. resp.). A migração é a principal componente demográfica na formação do Aglomerado. Segundo o Censo de 1970, 76% da população residente no Distrito Federal era de pessoas não nativas. Essa proporção variava segundo as regiões administrativas, sendo a mais elevada (78%) na chamada região administrativa de Brasília, que compreendia: Plano Piloto, Cruzeiro, Candangolândia, Núcleo Bandeirante, Guará, Lago Sul e Lago Norte (Tabela 1 e Figura 1). Já os municípios de Goiás, estes não atraíam migrantes com tal intensidade. Ainda de caráter eminentemente rural, a proporção da população não nativa variava entre 24% e 34% nesses municípios (Vasconcelos, 2005).

**Tabela 1. Proporção de população não nativa segundo localidades.  
Aglomerado Urbano de Brasília. 1970**

<b>Localidade/Município</b>	<b>Proporção de população não nativa</b>
Brasília	78,4%
Gama	72,3%
Taguatinga	76,5%
Brazlândia	75,1%
Sobradinho	71,4%
Planaltina	73,5%
Paranoá/Jardim	69,3%
<b>Distrito Federal</b>	<b>76,3%</b>
Luziânia	25,6%
Padre Bernardo	33,7%
Planaltina	24,0%
<b>Aglomerado Urbano de Brasília</b>	<b>72,4%</b>

Fonte: IBGE, Censo demográfico, 1970

O crescimento do Aglomerado Urbano de Brasília inicia-se pela ocupação da região administrativa de Brasília, especialmente do Plano Piloto, lugar de destino de 51% do fluxo de migrantes para a região segundo o Censo de 1970. Taguatinga, Gama e Sobradinho, núcleos urbanos satélites, aparecem como destino de 19,6%, 12,8% e 7,1% dos migrantes, respectivamente (Tabela 2). As demais localidades então existentes no Aglomerado Urbano de Brasília não se destacaram como localidade de destino dos imigrantes na sua formação.

**Tabela 2. Localidade de destino dos imigrantes segundo localidades.  
Aglomerado Urbano de Brasília. 1970**

<b>Localidade/município</b>	<b>Número de imigrantes</b>	<b>%</b>
Brasília	219.972	51,2%
Taguatinga	84.030	19,6%
Gama	54.974	12,8%
Sobradinho	30.401	7,1%
Planaltina	16.102	3,7%
Brazlândia	8.640	2,0%
Paranoá/Jardim	3.181	0,7%
<b>Distrito Federal</b>	<b>417.300</b>	<b>97,2%</b>
Luziânia	7.147	1,7%
Padre Bernardo	2.888	0,7%
Planaltina	2.172	0,5%
<b>Aglomerado Urbano de Brasília</b>	<b>429.507</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: Censo Demográfico 1970

No Distrito Federal, apesar de ser intensa a imigração para todas as localidades urbanas existentes em 1970, os fluxos apresentavam características diferenciadas. Para o Distrito Federal como um todo, a principal região de origem dos imigrantes na primeira década após a inauguração da capital foi a região Sudeste, com 41% dos imigrantes, seguida pela região Nordeste, com 32,6%, e pela região Centro-Oeste, com 23,6% (Tabela 3). As principais Unidades da Federação de procedência dos migrantes na formação do Aglomerado urbano de Brasília, que contribuíram com mais de 50% do fluxo de migrantes, foram: Goiás, Minas Gerais e Rio de Janeiro, com 22,8%, 22,4% e 12,9% dos imigrantes, respectivamente. A proximidade com a nova capital e as novas oportunidades de emprego e renda explicam o intenso afluxo de goianos e mineiros. O fluxo de migrantes oriundos do Rio de Janeiro era constituído principalmente pelos quadros administrativos e técnicos e seus familiares, transferidos da antiga para a nova capital federal. Nesse início, os estados nordestinos de origem dos imigrantes foram principalmente a Bahia (6,5%), o Ceará (6%), o Piauí (5,4%) e a Paraíba (4,9%) (Tabela 4).

**Tabela 3. Distribuição dos imigrantes segundo região de origem.  
Localidades do Aglomerado de Brasília. 1970**

Localidade de destino	Regiões de origem					Total
	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste	
Brasília	1,1%	30,9%	46,1%	2,6%	19,4%	100,0%
Gama	0,8%	45,4%	32,6%	1,1%	20,2%	100,0%
Taguatinga	0,7%	28,7%	40,4%	1,7%	28,5%	100,0%
Brazlândia	0,2%	29,0%	37,8%	0,1%	32,9%	100,0%
Sobradinho	0,7%	37,2%	32,2%	1,0%	28,8%	100,0%
Planaltina	0,6%	30,5%	25,1%	0,6%	43,2%	100,0%
Paranoá/Jardim	0,0%	11,1%	23,0%	1,0%	64,8%	100,0%
<b>Distrito Federal</b>	<b>0,9%</b>	<b>32,6%</b>	<b>41,0%</b>	<b>2,0%</b>	<b>23,6%</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: IBGE, Censo demográfico, 1970

Ao detalhar por localidade de destino no Distrito Federal, observam-se perfis diferenciados segundo região de origem. A região administrativa de Brasília, particularmente o Plano Piloto, recebeu uma proporção mais elevada de imigrantes oriundos da região Sudeste, sobretudo do estado de Minas Gerais e do Rio de Janeiro. O Gama recebeu um maior número de migrantes oriundos do Nordeste, principalmente da Bahia e do Piauí. Taguatinga recebeu migrantes oriundos principalmente de Minas Gerais e de Goiás. Sobradinho recebeu migrantes de origem mais variada, mas, sobretudo, oriundos de Goiás, de Minas Gerais, do Rio de Janeiro, da Bahia e do Piauí. As demais localidades, de características mais rurais, receberam migrantes vindos principalmente de Goiás (Tabela 5).

**Tabela 4. Distribuição dos imigrantes segundo Unidade da Federação de domicílio anterior. Aglomerado de Urbano de Brasília. 1970**

<b>Procedência</b>	<b>%</b>
Goiás	22,60%
Minas Gerais	22,10%
Rio de Janeiro	12,90%
Bahia	6,50%
Ceará	6,00%
Piauí	5,40%
Paraíba	4,90%
São Paulo	4,40%
Pernambuco	3,60%
Maranhão	2,60%
Rio Grande do Norte	2,10%
Espírito Santo	1,10%
Outros Estados	5,00%
Sem Especificação	0,01%
Exterior	0,35%
<b>Total</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: Censo Demográfico 1970

**Tabela 5. Proporção de imigrantes originários de Unidades da Federação selecionadas. Localidades do Aglomerado Urbano de Brasília. 1970**

<b>Localidade de destino</b>	<b>Estados de origem</b>									
	<b>Maranhão</b>	<b>Piauí</b>	<b>Ceará</b>	<b>Paraíba</b>	<b>Bahia</b>	<b>Minas Gerais</b>	<b>Rio de Janeiro</b>	<b>São Paulo</b>	<b>Goiás</b>	<b>DF</b>
Brasília	2,7%	5,0%	6,3%	4,9%	5,4%	20,3%	20,1%	4,8%	18,5%	0,0%
Gama	2,9%	8,3%	9,6%	6,5%	10,0%	22,3%	5,8%	3,4%	19,2%	0,2%
Taguatinga	2,9%	4,8%	4,5%	4,6%	6,0%	28,2%	5,4%	5,4%	27,5%	0,0%
Brazlândia	2,3%	4,2%	4,5%	5,1%	9,0%	28,9%	2,7%	3,6%	32,1%	0,5%
Sobradinho	2,5%	7,5%	5,0%	4,7%	8,9%	18,7%	9,0%	4,0%	28,0%	0,2%
Planaltina	1,0%	5,2%	6,0%	6,0%	6,9%	20,8%	2,2%	1,4%	42,4%	0,5%
Paranoá/Jardim	0,4%	2,1%	1,2%	1,7%	3,1%	17,8%	1,7%	2,6%	64,7%	0,0%
<b>Distrito Federal</b>	<b>2,7%</b>	<b>5,6%</b>	<b>6,2%</b>	<b>5,1%</b>	<b>6,5%</b>	<b>22,2%</b>	<b>13,2%</b>	<b>4,5%</b>	<b>22,6%</b>	<b>0,1%</b>

Fonte: IBGE, Censo demográfico, 1970

A valorização do centro em relação à periferia explica o processo de expulsão que se instalou no Aglomerado. Para o migrante pobre, que então chegava, residir no centro não foi mais possível, seu destino passou a ser os núcleos periféricos. Mais tarde, esse processo de valorização será também responsável pela expulsão dos moradores pobres do centro e dos núcleos consolidados para núcleos mais novos e com infra-estrutura precária. Assim, o Plano Piloto, que concentrava 41% da população do Aglomerado Urbano de Brasília em 1960, passa a deter apenas 22,6% em 1980 (Barbosa Ferreira et. al., 2002).

Outros levantamentos focais sobre a população migrante em Brasília em 1970 indicaram, entre outras, três principais correntes: a) migração de massa e de grande distância,

de baixo status socioeconômico e ocupada na construção civil, oriunda do interior do Nordeste, do Centro-Oeste e de Minas Gerais, de áreas pobres e eminentemente rurais; b) corrente de menor porte, com status ainda mais baixo que a anterior, com mais de 10 anos no DF, com migrantes desempregados ou ocupados no setor informal, e que teriam vindo das proximidades do DF ou do interior de Goiás; c) corrente de menor volume e mais recente, com pessoas ocupadas em serviços e com status socioeconômico mais elevado (Barbosa Ferreira e Paviani, 1973).

Nesse período de formação do Aglomerado Urbano de Brasília, destacava-se a migração de unidades familiares, e de pessoas do sexo masculino que vinham para a construção civil.

### **O migrante pós-anos 1990 e a expansão do Aglomerado Urbano de Brasília**

Nos anos 1970, o meio rural inicia seu processo de modernização, com a denominada industrialização da agricultura, que, em síntese, significa que as técnicas tradicionais de plantio e criatório, de relações de trabalho, de acesso à terra e de ocupação do solo passam a incorporar a racionalidade da produção industrial. O campo se transforma em uma grande usina e nele residir não é mais questão. Por outro lado, as relações de trabalho, tornadas assalariadas levam o trabalhador rural para uma residência urbana. Assim, segundo Camarano e Abramovay (1998, p. 48) aproximadamente “40% da população que vivia nas áreas rurais no começo dos anos 70 migrou nesta década”. Na década de 1980, a migração rural se altera: além de o volume se tornar menor, também o perfil do migrante se modifica (Camarano e Abramovay, 1998), passando a predominar o componente feminino.

No Aglomerado Urbano de Brasília, a partir da década de 1980, os ritmos de crescimento da população do Distrito Federal e dos municípios goianos diferenciam-se. Enquanto no Distrito Federal as taxas de crescimento diminuem drasticamente, passando de 8,2% para 2,8% ao ano, as desses municípios permanecem elevadas, um pouco superiores a 8% ao ano (Vasconcelos, 2005).

Por outro lado, por essa época, a cidade já consolidada torna-se mais seletiva e valorizada que antes e, ao lado disso, restringem-se os investimentos do poder público na abertura de novos espaços dentro do DF como política de contenção do crescimento da capital. A oferta de habitação se reduziu consideravelmente. Empreendimentos imobiliários pela iniciativa do grande e pequeno capital se voltam para o entorno do DF. São então construídos conjuntos habitacionais e abertos loteamentos em terras rurais visando a população de baixa renda.

Assim, de 1980 a 1990 se expandiu extraordinariamente a área urbana nos municípios periféricos ao DF, principalmente na periferia sul. Em 1991, os municípios goianos do Aglomerado passam a ter maior volume de população que o Plano Piloto (15,8% contra 13,8%, resp.) (Barbosa Ferreira et. al., 2002).

Enquanto as políticas locais limitavam a ação das forças de mercado, essas agiam fora da área controlada, ou seja, além do quadrilátero do DF. A oferta de pequenos lotes, a baixos preços e longos prazos para pagar, atraiu a população que pagava aluguéis nos núcleos satélites da Capital. Naquele momento, o migrante pobre que chega ao Aglomerado tende a buscar nessa periferia sua moradia, o que o obriga a se deslocar a grande distância para o trabalho localizado no centro.



Embora a proporção de migrantes<sup>1</sup> na população total seja muito menor que em 1970, em 2000, Brasília ainda exerce forte poder de atração: 19,1% de seu total populacional é não nativa com menos de 10 anos de residência. Todavia, se a migração na década de 1990 não se destaca como a principal componente na evolução da população do Distrito Federal, ela assume essa importância na evolução da população do chamado Entorno Imediato, onde a proporção de migrantes recentes aumentou de 22% em 1970 para 55,3% em 2000.

**Tabela 6. Proporção de migrantes com menos de 10 anos de residência na população total segundo localidades do Aglomerado Urbano de Brasília. 2000**

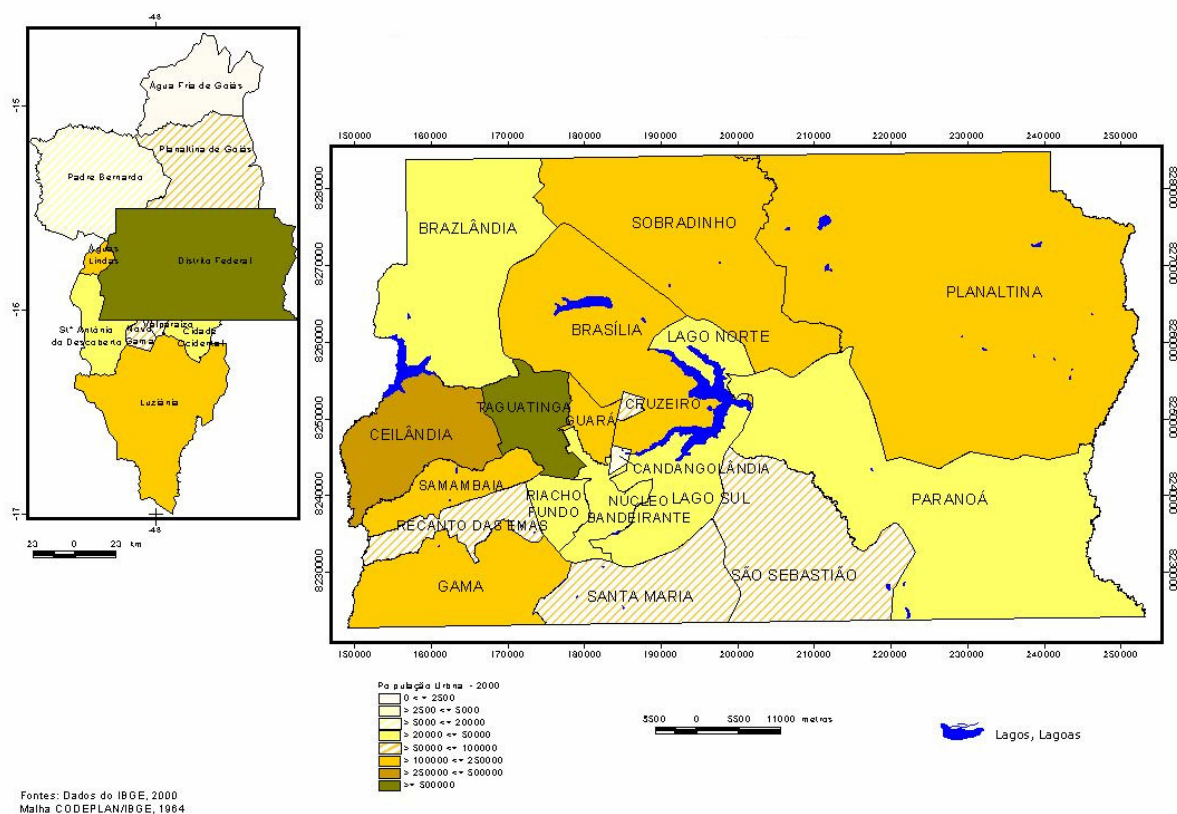
<b>Localidade / Município</b>	<b>%</b>
Plano Piloto	26,3%
Gama	14,7%
Taguatinga	18,0%
Brazlândia	15,2%
Sobradinho	20,3%
Planaltina	21,3%
Paranoá	19,7%
Riacho Fundo	17,2%
Núcleo Bandeirante/Park Way	22,7%
Ceilândia	15,8%
Guará	19,4%
Cruzeiro/Sudoeste	22,2%
Samambaia	16,3%
Candangolândia	15,3%
Recanto das Emas	20,4%
Lago Norte/Varjão	20,2%
Lago Sul	18,4%
Santa Maria	15,3%
São Sebastião	31,4%
<b>Distrito Federal</b>	<b>19,1%</b>
Água Fria de Goiás	28,9%
Águas Lindas de Goiás	84,4%
Cidade Ocidental	51,1%
Luziânia	43,4%
Novo Gama	52,4%
Padre Bernardo	36,9%
Planaltina	48,0%
Santo Antônio do Descoberto	46,9%
Valparaíso de Goiás	60,4%
<b>Entorno Imediato</b>	<b>55,3%</b>
<b>Aglomerado Urbano de Brasília</b>	<b>27,4%</b>

Fonte: IBGE – Censo Demográfico 2000.

<sup>1</sup> Considera-se migrante em 2000, os não nativos com residência inferior a 10 anos no município.

No Aglomerado Urbano de Brasília, o migrante recente se situa cada vez menos no centro (8% dos migrantes se encontravam no Plano Piloto em 2000) e preferencialmente na periferia. No eixo onde se concentra a população do Aglomerado (Samambaia, Taguatinga, Ceilândia e Águas Lindas de Goiás) também se concentram os migrantes (30%) (Figura 2).

**Figura 2. Mapa das Regiões Administrativas do Distrito Federal e dos Municípios Goianos do Entorno. 2000**



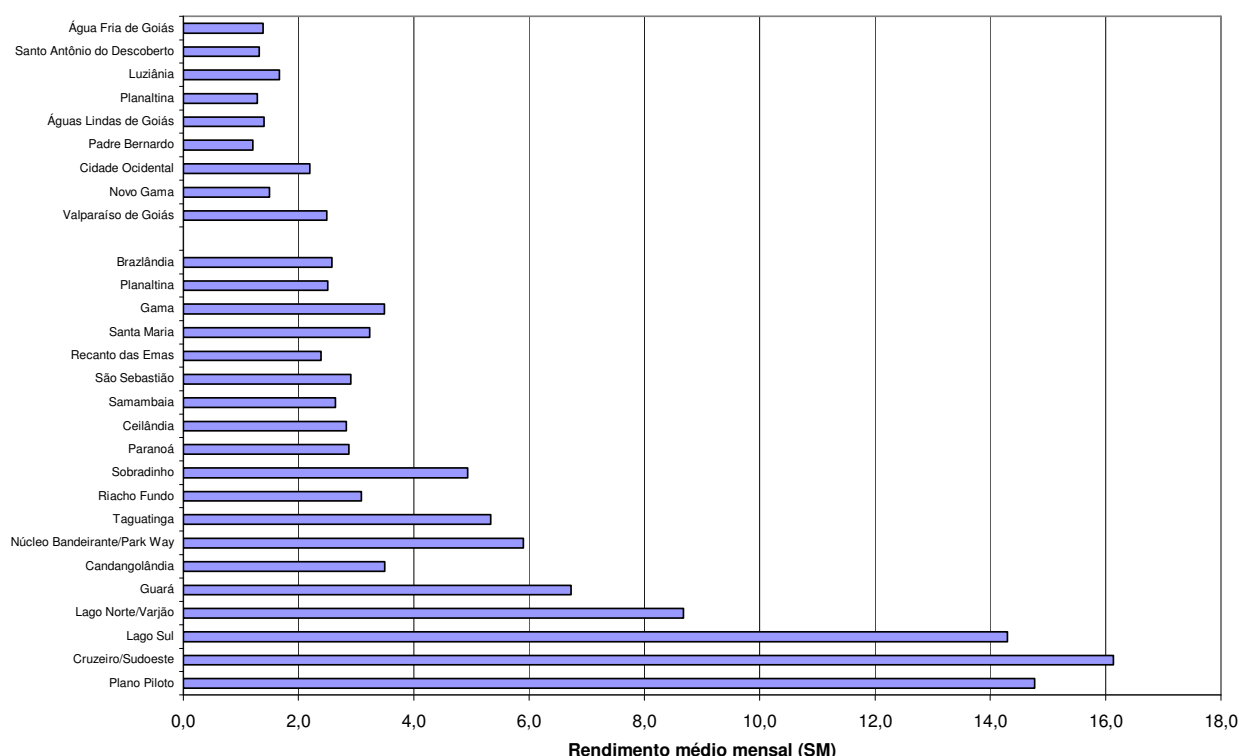
O padrão migratório é uma migração de grande distância para a metrópole com a predominância do Nordeste tanto como origem, como procedência ou etapa migratória (residência em 1995). O atual contingente de migrantes é de nordestinos de origem (55%) ou que vieram do Nordeste (42%) ou ainda que aí residiam há 5 anos (37%) (Cf. Tabelas A1, A2 e A3).

A contribuição do Sudeste ainda é significativa, embora em menor volume e proporção. São pessoas nascidas no Sudeste, que daí vieram, ou que passaram pela região nos últimos 5 anos. Pode-se admitir que seja uma migração residual da antiga capital, ou a troca de quadros e executivos. Isso se confirma pela localização desses migrantes no Plano Piloto e Lago Sul, onde estão as pessoas com maior escolaridade e nível de renda.

A migração intra-regional (do Centro-Oeste) aparece em terceiro plano podendo-se admitir que se trate de excedentes gerados pela fronteira agrícola, sendo mais expressiva a procedência e a passagem pelo Centro-Oeste do que a origem. Nos municípios goianos, no entanto, ela adquire maior relevância, sendo a segunda corrente em termos de origem, mas a primeira em termos de procedência e etapa. Trata-se da expulsão da população do Distrito Federal para a periferia.

A corrente nordestina, que é a principal, se dispersa pelo aglomerado, predominando em quase todas as localidades, embora algumas delas sejam eminentemente nordestinas como: Ceilândia, Samambaia, São Sebastião, Paranoá, Águas Lindas de Goiás, Santo Antônio do Descoberto, Planaltina e Novo Gama. A corrente do Centro-Oeste, também dispersa, não marca nenhuma localidade dentro do DF, mas caracteriza a população do Entorno Imediato. Especialmente, em Águas Lindas de Goiás, onde 69% dos migrantes declarou residir há 5 anos no Distrito Federal. Já a corrente sulina juntamente com os estrangeiros predomina no Plano Piloto e a do Sudeste marca as localidades de Lago Sul, Cruzeiro/Sudoeste e Plano Piloto.

**Figura 3. Rendimento médio mensal dos migrantes recentes segundo as localidades e municípios do Aglomerado Urbano de Brasília. 2000**



Considerando as condições sociais dessa população migrante, tomando como indicadores: 1) número de anos de estudo; 2) ocupação; 3) rendimento, nota-se que:

- Em algumas localidades a população migrante chega a níveis bem elevados de instrução, tendo mais de 60% dos migrantes acima de 9 anos de estudo. É o caso de Cruzeiro/Sudoeste, Lago Sul, e Plano Piloto; em contraste, na maior parte das localidades do DF (13 delas) mais de 60% dos migrantes tem no máximo 8 anos de estudo. Já na periferia goiana, esse percentual se eleva a 85%.
- No que se refere à atividade econômica, os ramos de atividade que mais empregam os migrantes no Aglomerado são: o comércio, alojamento e alimentação (23%) e os serviços domésticos (19% no DF e 17% nos municípios goianos). A administração pública emprega apenas 9,9% dos migrantes ativos do DF e, nos municípios goianos, ainda a construção civil é um ramo de atividade importante no mercado de trabalho (15,4%).
- As desigualdades dos rendimentos dos migrantes espelham as diferenças de classes e

a concentração de renda do país. No caso do Aglomerado urbano de Brasília, acresce-se a concentração espacial da renda, onde as médias mais elevadas se encontram em 3 localidades: Plano Piloto, Lago Sul e Cruzeiro/Sudoeste<sup>2</sup>. Na periferia próxima, ou seja, na área suburbana encontra-se um nível intermediário, mas que não chega à metade do anterior (Guará, Taguatinga, Núcleo Bandeirante). Os níveis mais baixos encontram-se nas localidades mais distantes do centro, principalmente, nos municípios goianos (Figura 3).

A migração familiar, característica do início da formação do Aglomerado Urbano de Brasília, dá lugar à migração individual com predominância do componente feminino quando o destino é o Distrito Federal. A corrente migratória que melhor expressa essa característica é aquela com origem/procedência nos estados do Maranhão, do Piauí e da Bahia. Já nos municípios goianos, a migração familiar ainda é predominante. Trata-se da mudança de residência de todo o grupo familiar dos núcleos urbanos do Distrito Federal para esses municípios.

## Conclusão

O planejamento e a gestão controlada do espaço urbano e o combate à favelização não conseguiram garantir aos migrantes a qualidade de vida proposta no plano urbanístico da nova capital. O sonho de melhores condições de vida, de trabalho digno e acesso à modernidade não se realizou para a maioria deles. A seletividade da ocupação empurra o migrante pobre para condições de vida precárias, e a seletividade do mercado de trabalho os leva à periferização. De um modo geral, o que se vê no Aglomerado Urbano de Brasília é a repetição do que ocorre com o migrante em qualquer área metropolitana. O padrão de migração do centro para a periferia se acentua e alimenta um tipo de mobilidade espacial intra-metropolitano.

Diferentemente do que ocorreu em outras cidades, aglomerados e áreas metropolitanas, em Brasília não se verificou a abertura de espaços periféricos para abrigar atividades industriais. A não industrialização levou à ausência da polarização periférica de empregos industriais e à falta de oportunidades intervenientes entre centro e periferia. A formação da periferia vinculou-se à criação de novos espaços com função eminentemente residencial do tipo subúrbio dormitório, ficando na dependência, apenas, da função residencial para gerar trabalho. Na periferia, comércio e serviços, também de função local, se voltam para as demandas da população residente, tendo sua dinâmica dependente do poder aquisitivo dessa população. Em se tratando de população de baixa renda com demanda pouco elástica, a possibilidade de ampliação do leque de atividades é extremamente reduzida nesses locais (Barbosa Ferreira e Penna, 1997).

Assim, ao tentar conter o crescimento da cidade, criou-se o Aglomerado urbano para além dos limites administrativos. Ao regular com rigidez as funções urbanas, no sentido de não expandir a Capital, formou-se uma periferia extremamente dependente do centro para o trabalho e serviços, especialmente de saúde e educação. A cidade planejada para a equidade social criou sua periferia pobre em menos de uma geração.

---

<sup>2</sup> O Lago Norte, região notadamente de elevada renda, aparece em quarto lugar visto seus dados estarem agregados aos da comunidade do Varjão, núcleo urbano contíguo de muito baixa renda.

## Referências Bibliográficas

BARBOSA FERREIRA, I. C. e PAVIANI, A. As Correntes Migratórias para o Distrito Federal. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, nº 3133-162, jul./set., 1973.

BARBOSA FERREIRA, I. C.; PENNA, N. A. Brasília: novos rumos para a periferia. In: PAVIANI, A. (Org.). **Brasília: moradia e exclusão**. Brasília, Coleção Brasília, Editora UnB, 1996.

BARBOSA FERREIRA, I. C.; VASCONCELOS, A. M. N.; VILARINHO, A. A dinâmica populacional na história de Brasília, IN: **Anais do VII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**, Salvador, 2002.

CAMARANO, A. A.; ABRAMOVAY, R. Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos 50 anos. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, Brasília, 15(2), 1998.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 1970: Distrito Federal**. Rio de Janeiro: FIBGE, volume I, Tomo XXIV, março, 1973. 218p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 1970: Goiás**. Rio de Janeiro: FIBGE, volume I, Tomo XXIV, março, 1973. 605 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2000: Distrito Federal e Goiás**, microdados. Rio de Janeiro, 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Tendências Demográficas: Uma análise dos Censos Demográficos e da Contagem da População 1996** - Distrito Federal. Rio de Janeiro: IBGE, volume 28, 1999, 43 p.

VASCONCELOS, A. M. N. Análise da dinâmica demográfica das localidades urbanas da Aglomeração de Brasília. **Relatório de pesquisa. Projet Brasilia : la question environnementale urbaine et la préservation du patrimoine de l'humanité**. UnB/IRD/UNESCO, 2005, (mimeo).

## Anexos

**Tabela A1. Distribuição dos migrantes segundo região de residência em 1995 por localidades do Aglomerado Urbano de Brasília. 2000**

Localidades/Municípios	Região de residência em 1995							Total
	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste	Países estrangeiros	Brasil sem especificação	
Água Fria de Goiás	1,5%	12,7%	7,8%	8,3%	69,7%	0,0%	0,0%	100,0%
Águas Lindas de Goiás	3,2%	22,6%	4,5%	0,3%	68,9%	0,0%	0,6%	100,0%
Cidade Ocidental	2,1%	25,7%	8,3%	0,9%	62,5%	0,0%	0,5%	100,0%
Luziânia	4,4%	24,8%	11,4%	1,6%	57,4%	0,1%	0,4%	100,0%
Novo Gama	3,7%	29,9%	6,8%	0,4%	58,6%	0,0%	0,5%	100,0%
Padre Bernardo	2,4%	11,1%	7,1%	0,3%	79,1%	0,0%	0,0%	100,0%
Planaltina	4,7%	28,4%	8,5%	0,8%	56,1%	0,2%	1,2%	100,0%
Santo Antônio do Descoberto	1,8%	35,4%	7,6%	0,8%	53,6%	0,0%	0,8%	100,0%
Valparaíso de Goiás	3,8%	27,9%	10,7%	1,0%	55,5%	0,1%	1,0%	100,0%
<b>Entorno</b>	<b>3,5%</b>	<b>25,8%</b>	<b>7,8%</b>	<b>0,8%</b>	<b>61,4%</b>	<b>0,0%</b>	<b>0,6%</b>	<b>100,0%</b>
Brasília	8,6%	24,5%	39,0%	11,8%	11,4%	4,7%	0,0%	100,0%
Gama	5,8%	47,4%	19,5%	1,8%	23,8%	1,2%	0,7%	100,0%
Taguatinga	7,8%	44,9%	24,6%	3,6%	18,6%	0,3%	0,1%	100,0%
Brazlândia	6,9%	49,3%	16,6%	0,9%	25,2%	0,2%	0,8%	100,0%
Sobradinho	7,4%	47,7%	21,2%	2,3%	19,7%	1,0%	0,7%	100,0%
Planaltina	4,6%	52,9%	17,4%	2,3%	22,4%	0,3%	0,2%	100,0%
Paranoá	3,4%	57,9%	24,5%	1,5%	12,0%	0,2%	0,5%	100,0%
Riacho Fundo	7,0%	55,1%	13,6%	3,6%	19,7%	1,0%	0,0%	100,0%
Núcleo Bandeirante/ Park Way	4,8%	50,3%	22,9%	3,3%	15,6%	2,7%	0,3%	100,0%
Ceilândia	6,8%	62,0%	14,5%	1,2%	15,4%	0,1%	0,1%	100,0%
Guará	8,7%	40,3%	28,7%	3,2%	18,1%	0,8%	0,1%	100,0%
Cruzeiro/Sudoeste	5,6%	23,4%	40,5%	8,6%	19,3%	2,5%	0,0%	100,0%
Samambaia	4,6%	63,1%	11,9%	1,2%	18,8%	0,1%	0,3%	100,0%
Candangolândia	11,3%	45,0%	24,2%	2,1%	17,5%	0,0%	0,0%	100,0%
Recanto das Emas	9,3%	56,3%	10,8%	1,0%	21,9%	0,2%	0,6%	100,0%
Lago Norte/Varjão	4,7%	43,7%	25,8%	8,6%	15,2%	2,0%	0,0%	100,0%
Lago Sul	6,4%	31,3%	30,6%	4,2%	10,2%	17,3%	0,0%	100,0%
Santa Maria	8,9%	46,7%	23,8%	2,9%	16,8%	0,2%	0,6%	100,0%
São Sebastião	4,4%	57,3%	21,0%	1,5%	13,9%	0,3%	1,6%	100,0%
<b>Distrito Federal</b>	<b>6,9%</b>	<b>46,0%</b>	<b>23,9%</b>	<b>4,2%</b>	<b>17,2%</b>	<b>1,5%</b>	<b>0,3%</b>	<b>100,0%</b>
<b>Aglomerado Urbano de Brasília</b>	<b>5,4%</b>	<b>36,9%</b>	<b>16,6%</b>	<b>2,7%</b>	<b>37,2%</b>	<b>0,8%</b>	<b>0,5%</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: IBGE – Censo Demográfico 2000

**Tabela A2. Distribuição dos migrantes segundo região de nascimento por localidades do Aglomerado Urbano de Brasília. 2000**

Localidades/Municípios	Região de nascimento							Total
	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste	Países estrangeiros	Brasil sem especificação	
Água Fria de Goiás	1,4%	34,9%	27,9%	21,3%	14,5%	0,0%	0,0%	100,0%
Águas Lindas de Goiás	3,0%	60,6%	9,6%	0,4%	26,4%	0,0%	0,0%	100,0%
Cidade Ocidental	3,0%	48,8%	18,0%	1,1%	29,1%	0,0%	0,0%	100,0%
Luziânia	3,1%	53,5%	17,7%	1,8%	23,8%	0,2%	0,0%	100,0%
Novo Gama	1,8%	59,7%	11,3%	0,5%	26,5%	0,0%	0,1%	100,0%
Padre Bernardo	4,2%	40,9%	21,1%	1,2%	32,2%	0,0%	0,3%	100,0%
Planaltina	2,5%	60,5%	13,8%	0,7%	22,3%	0,1%	0,0%	100,0%
Santo Antônio do Descoberto	2,6%	62,4%	10,6%	0,5%	23,8%	0,1%	0,0%	100,0%
Valparaíso de Goiás	3,0%	51,9%	17,9%	1,7%	25,4%	0,2%	0,0%	100,0%
<b>Entorno</b>	<b>2,8%</b>	<b>56,7%</b>	<b>13,9%</b>	<b>1,0%</b>	<b>25,4%</b>	<b>0,1%</b>	<b>0,0%</b>	<b>100,0%</b>
Brasília	5,8%	29,5%	41,2%	12,0%	9,1%	2,3%	0,1%	100,0%
Gama	4,0%	60,1%	19,5%	1,5%	13,8%	1,0%	0,0%	100,0%
Taguatinga	5,7%	50,3%	24,1%	2,5%	17,0%	0,3%	0,0%	100,0%
Brazlândia	4,4%	52,9%	21,3%	1,0%	20,2%	0,3%	0,0%	100,0%
Sobradinho	5,1%	55,8%	20,5%	2,5%	15,5%	0,7%	0,0%	100,0%
Planaltina	3,0%	60,5%	18,4%	2,2%	15,8%	0,1%	0,0%	100,0%
Paranoá	2,3%	63,1%	26,4%	1,6%	6,2%	0,3%	0,0%	100,0%
Riacho Fundo	7,5%	62,1%	14,7%	1,5%	14,0%	0,2%	0,0%	100,0%
Núcleo Bandeirante/ Park Way	3,2%	49,3%	26,8%	3,7%	14,7%	2,3%	0,0%	100,0%
Ceilândia	4,2%	68,3%	13,7%	0,8%	12,8%	0,1%	0,0%	100,0%
Guará	6,2%	49,4%	27,1%	3,2%	13,8%	0,3%	0,0%	100,0%
Cruzeiro/Sudoeste	5,3%	27,0%	42,0%	10,5%	13,9%	1,3%	0,0%	100,0%
Samambaia	3,1%	69,4%	14,1%	0,7%	12,6%	0,0%	0,0%	100,0%
Candangolândia	6,8%	55,4%	24,1%	1,6%	12,1%	0,0%	0,0%	100,0%
Recanto das Emas	6,1%	67,9%	11,6%	0,4%	13,8%	0,1%	0,0%	100,0%
Lago Norte/Varjão	3,6%	50,0%	25,0%	10,8%	9,9%	0,7%	0,0%	100,0%
Lago Sul	4,2%	33,8%	38,8%	2,8%	10,5%	10,0%	0,0%	100,0%
Santa Maria	5,0%	64,8%	16,9%	0,6%	12,5%	0,1%	0,0%	100,0%
São Sebastião	3,8%	61,8%	22,5%	1,2%	10,6%	0,1%	0,0%	100,0%
<b>Distrito Federal</b>	<b>4,7%</b>	<b>54,4%</b>	<b>23,3%</b>	<b>3,5%</b>	<b>13,2%</b>	<b>0,7%</b>	<b>0,0%</b>	<b>100,0%</b>
<b>Aglomerado Urbano de Brasília</b>	<b>3,9%</b>	<b>55,3%</b>	<b>19,5%</b>	<b>2,5%</b>	<b>18,2%</b>	<b>0,5%</b>	<b>0,0%</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: IBGE – Censo Demográfico 2000

**Tabela A3. Distribuição dos migrantes segundo região de residência anterior por localidades do Aglomerado Urbano de Brasília. 2000**

Localidades/Municípios	Região de residência anterior							Total
	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste	Países estrangeiros	Brasil sem especificação	
Água Fria de Goiás	0,0%	29,9%	20,7%	24,1%	24,6%	0,0%	0,7%	100,0%
Águas Lindas de Goiás	2,3%	20,9%	4,4%	0,2%	72,1%	0,1%	0,1%	100,0%
Cidade Ocidental	2,7%	29,2%	9,8%	0,4%	57,6%	0,1%	0,2%	100,0%
Luziânia	3,2%	32,2%	12,4%	1,5%	50,4%	0,1%	0,1%	100,0%
Novo Gama	1,9%	34,6%	7,6%	0,2%	55,3%	0,0%	0,3%	100,0%
Padre Bernardo	3,6%	18,8%	10,5%	0,6%	65,0%	0,4%	0,9%	100,0%
Planaltina	3,3%	35,5%	9,8%	0,3%	50,5%	0,3%	0,3%	100,0%
Santo Antônio do Descoberto	2,7%	36,6%	8,1%	0,3%	52,3%	0,0%	0,0%	100,0%
Valparaíso de Goiás	2,8%	32,4%	11,8%	1,0%	51,6%	0,2%	0,2%	100,0%
<b>Entorno</b>	<b>2,7%</b>	<b>29,3%</b>	<b>8,6%</b>	<b>0,6%</b>	<b>58,5%</b>	<b>0,1%</b>	<b>0,1%</b>	<b>100,0%</b>
Brasília	8,4%	28,6%	36,7%	10,2%	11,1%	5,0%	0,0%	100,0%
Gama	4,9%	53,5%	20,1%	1,0%	19,2%	1,3%	0,0%	100,0%
Taguatinga	7,3%	46,6%	23,5%	2,3%	19,3%	0,6%	0,4%	100,0%
Brazlândia	5,3%	47,4%	19,0%	0,5%	27,5%	0,3%	0,1%	100,0%
Sobradinho	6,1%	50,8%	20,1%	2,3%	19,8%	1,0%	0,1%	100,0%
Planaltina	3,5%	55,7%	18,1%	1,5%	20,9%	0,1%	0,0%	100,0%
Paranoá	2,6%	58,9%	27,2%	1,5%	9,3%	0,3%	0,2%	100,0%
Riacho Fundo	7,6%	56,6%	13,6%	1,0%	20,5%	0,5%	0,1%	100,0%
Núcleo Bandeirante/ Park Way	4,8%	46,7%	25,4%	3,4%	16,9%	2,5%	0,2%	100,0%
Ceilândia	5,5%	61,8%	15,4%	0,8%	15,8%	0,2%	0,5%	100,0%
Guará	7,7%	46,1%	27,1%	2,7%	15,5%	0,9%	0,0%	100,0%
Cruzeiro/Sudoeste	5,3%	26,5%	40,4%	6,1%	19,9%	1,5%	0,3%	100,0%
Samambaia	4,9%	61,9%	15,3%	0,8%	16,5%	0,1%	0,3%	100,0%
Candangolândia	7,3%	51,2%	25,7%	1,6%	13,8%	0,4%	0,0%	100,0%
Recanto das Emas	7,3%	61,0%	12,9%	0,3%	18,1%	0,2%	0,1%	100,0%
Lago Norte/Varjão	3,8%	48,9%	23,3%	9,0%	11,8%	2,5%	0,7%	100,0%
Lago Sul	4,3%	30,8%	35,6%	3,0%	10,9%	15,2%	0,2%	100,0%
Santa Maria	6,3%	55,7%	18,7%	0,6%	17,7%	0,4%	0,5%	100,0%
São Sebastião	4,6%	58,0%	23,1%	1,0%	13,2%	0,1%	0,0%	100,0%
<b>Distrito Federal</b>	<b>6,0%</b>	<b>49,9%</b>	<b>22,9%</b>	<b>2,9%</b>	<b>16,7%</b>	<b>1,4%</b>	<b>0,2%</b>	<b>100,0%</b>
<b>Aglomerado Urbano de Brasília</b>	<b>4,7%</b>	<b>41,7%</b>	<b>17,2%</b>	<b>2,0%</b>	<b>33,3%</b>	<b>0,9%</b>	<b>0,2%</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: IBGE – Censo Demográfico 2000



**Tabela A4. População residente nas localidades do Aglomerado Urbano de Brasília. 1960-2000**

Regiões Administrativas e Municípios do Entorno	Ano				
	1960	1970	1980	1991	2000
<i>Brasília</i>	92.761	279.295	410.999	458.556	528.842
Plano Piloto	71.728	243.163	293.210	262.264	198.422
Lago Sul	-	-	-	-	28.137
Lago Norte	-	-	-	-	29.505
Varjão	-	-	-	-	-
Cruzeiro	-	-	-	51.230	63.883
Sudoeste/Octogonal	-	-	-	-	-
Guará	-	24.864	85.507	97.374	115.385
SCIA (Estrutural)	-	-	-	-	-
Núcleo Bandeirante	21.033	11.268	32.282	47.688	36.472
Park Way	-	-	-	-	-
Candangolândia	-	-	-	-	15.634
Riacho Fundo	-	-	-	-	41.404
Riacho Fundo II	-	-	-	-	-
<i>Gama</i>	811	75.914	139.016	153.279	322.546
Gama	811	75.914	139.016	153.279	130.580
Santa Maria	-	-	-	-	98.679
Recanto das Emas	-	-	-	-	93.287
<i>Taguatinga</i>	27.315	109.452	479.893	719.969	751.933
Taguatinga	27.315	109.452	192.938	228.249	243.575
Ceilândia	-	-	286.955	364.289	344.039
Samambaia	-	-	-	127.431	164.319
Águas Claras	-	-	-	-	-
<i>Brazlândia</i>	734	11.507	22.504	41.119	52.698
<i>Sobradinho</i>	10.217	42.553	69.094	81.521	128.789
Sobradinho I	-	-	-	-	-
Sobradinho II	-	-	-	-	-
<i>Planaltina</i>	4.651	21.907	47.364	90.185	147.114
<i>Paranoá+Jardim</i>	5.253	4.589	8.038	56.465	119.224
Paranoá	3.576	2.254	3.137	-	54.902
Itapoã	-	-	-	-	-
São Sebastião	1.677	-	-	-	64.322
Jardim	-	2.335	4.901	-	-
<b><i>Distrito Federal</i></b>	<b>141.742</b>	<b>545.217</b>	<b>1.176.908</b>	<b>1.601.094</b>	<b>2.051.146</b>
<i>Luziânia</i>	23.247	32.832	92.814	243.183	508.338
Luziânia	23.247	27.869	80.089	207.674	141.082
Cidade Ocidental	-	-	-	-	40.377
Novo Gama	-	-	-	-	74.380
Valparaíso de Goiás	-	-	-	-	94.856
Santo Antônio do Descoberto	-	4.963	12.725	35.509	51.897
Águas Lindas de Goiás	-	-	-	-	105.746
<i>Padre Bernardo</i>	4.637	8.581	11.811	16.500	21.514
<i>Planaltina</i>	6.339	9.032	16.172	40.201	78.187
Água Fria de Goiás	-	-	-	-	4.469
Planaltina (São Gabriel de Goiás)	6.339	9.032	16.172	40.201	73.718
<b><i>Total</i></b>	<b>34.223</b>	<b>50.445</b>	<b>120.797</b>	<b>299.884</b>	<b>608.039</b>

Fonte: IBGE – Censos Demográficos 1960-2000